

por Marcos Cesana

As qualidades e possibilidades de um sucesso da TV, no cinema

O *Castelo Rá-Tim-Bum, o Filme*, “cresceu”. Não ficou só associado às brincadeiras da tela da TV, cresceu também nos custos, na abordagem, na direção de arte, figurinos, fotografia; ganhou a presença estelar de Marieta Severo, como a malvada Losângela; deve ter atingido o público esperado até a publicação desta matéria, mas perdeu alguma coisa. Aquela coisa que perdemos quando deixamos a infância mais tenra e chegamos a uma pré-adolescência.

Isso é bom ou ruim? Definitivamente, não sei. Sei apenas que o dia em que disse para André, meu filho de quatro anos, que iríamos assistir ao filme do Castelo, seus olhos se acenderam. E tenho que confessar que os meus também, ao ver o *trailer* do filme, antes de algum outro filme no cinema, ou num *insert* comercial da TV. Pensava: “Puxa, esse filme...Puxa, deve ser demais!” Confesso que fui ver o Castelo com tanta expectativa quanto André.

Expectativa demais, eu acho. Frustrarei um pouco. Não que o filme seja ruim, incondicionalmente ruim, ou que sofra de qualquer tipo de exageros. Isso não. Talvez a história seja um pouco séria demais. Faltou a interferência da caixa de música, da poesia do gato da biblioteca, faltou o Marcelo Tass para dizer Porque sim, não é resposta. Mas faltou mesmo é André encontrar-se com o Castelo que deseja ver.

O que André viu

Até hoje ele diz que gostou muito do *Castelo, o Filme*, no entanto eu vi o seu estado de dispersão. Gostaria que o leitor entendesse que André já vem a algum tempo frequentando as sessões de cinema comigo. E que aqueles programas do *Castelo Rá Tim Bum* que vemos na televisão, e vemos também em vídeo e repetidas vezes. Ou seja, estamos com um fã do Castelo e um bom espectador de cinema. Mas, por mais que ele diga que gostou, sei que para ele e para mim, faltou alguma coisa, que aliás pode não ser falta, mas excesso.

Confesso que por mais apreciável que seja o desempenho de uma Marieta Severo- e olha, poderia ser Fernanda Montenegro também-, nada, nada mesmo, é comparável ao vilão, menos vilão, que o nosso doutor Abobrinha.

Este talvez seja um dos pontos chaves para as próximas sequências do Castelo, simplicidade.

Outro ingrediente extremamente significativo, e isso vai além do filme, é o fato de termos cristalizados algumas das características do Castelo (TV) dentro de nós: a luz, a atmosfera, algumas personagens estranhas que visitam o lugar com uma certa assiduidade, como: o Etevaldo, a Caipora ou mesmo a dupla de cientista Tíbio e Perônio.

... difícil fazer um filme sobre o Castelo, de início, que agrade ao imaginário de quem vê sempre o Castelo da televisão. Nesse sentido, o filme arriscou, quis distanciar-se da série, e ganhou a parada: dentro dessa ótica.

Voltando ao André, ele se dispersou, mas tanto ele quanto eu gostamos tanto do Nino apresentado, quanto daquele vivido na televisão pelo ator Cássio Scapin. O que penso insistentemente é que as crianças crescem, e que nesse sentido, para os próximos episódios do Castelo na telona, talvez pudéssemos contar com o ator Scapin, já que ele não tem mais por onde crescer. E que a mudança deste para outro Nino, ou seu crescimento, podem comprometer as sequências do Castelo (se estas acontecerem). Crescer, aliás, me parece o erro do roteiro do filme. Na televisão, o Castelo é tão infantil e inocente que qualquer um é capaz de gostar; no cinema, pude observar alguns garotos com mais idade do que André, mais atento ao filme do que ele.

E o que André viu? André viu um Castelo mais maduro, adulto e com os perigos reais da vida pulsando. Ele, uma criança que vive na fantasia, provavelmente gostaria de ver uma grande piada, colorida, iluminada, e com o doutor Abobrinha dizendo ao final: “Ah, vocês não perdem por esperar, esse Castelo será meu...meu... meeeeeuuuuu!!!”

Perseverar

Algumas pessoas que tenham gostado muito do Castelo, o Filme, ou que sejam associadas às pessoas que nele trabalharam podem pensar que este artigo, esta Paranoia pessoal e intransferível, faça parte de uma crítica sobre o filme, em tudo que a palavra "crítica" possa significar como ação maléfica. Mas não.

Escrever sobre o Castelo é também uma maneira de pedir às pessoas que fizeram e

fazem o Castelo, continuarem a produzir filmes sobre Nino, Morgana, Doutor Vitor e Doutor Abobrinha e Cia. Ilimitada. Uma idéia como esta, uma concepção de universo infantil como esse, não pode ficar condenada a um único filme... preciso que as empresas de televisão, que o governo ou que o raio-que-o-parta saibam da importância de um

tipo de filme como este para as crianças. Para o Brasil não parar de sonhar.

A nossa produção dentro do universo cinematográfico infantil é tão escassa e capenga, que empreitadas como esta, devem poder contar com todo apoio da mídia e do Estado.

Acredito que tudo que observei sobre André e sobre o filme é relevante. Mas, relevante mesmo é não parar de criar: a criança e o cinema vivem disso.

